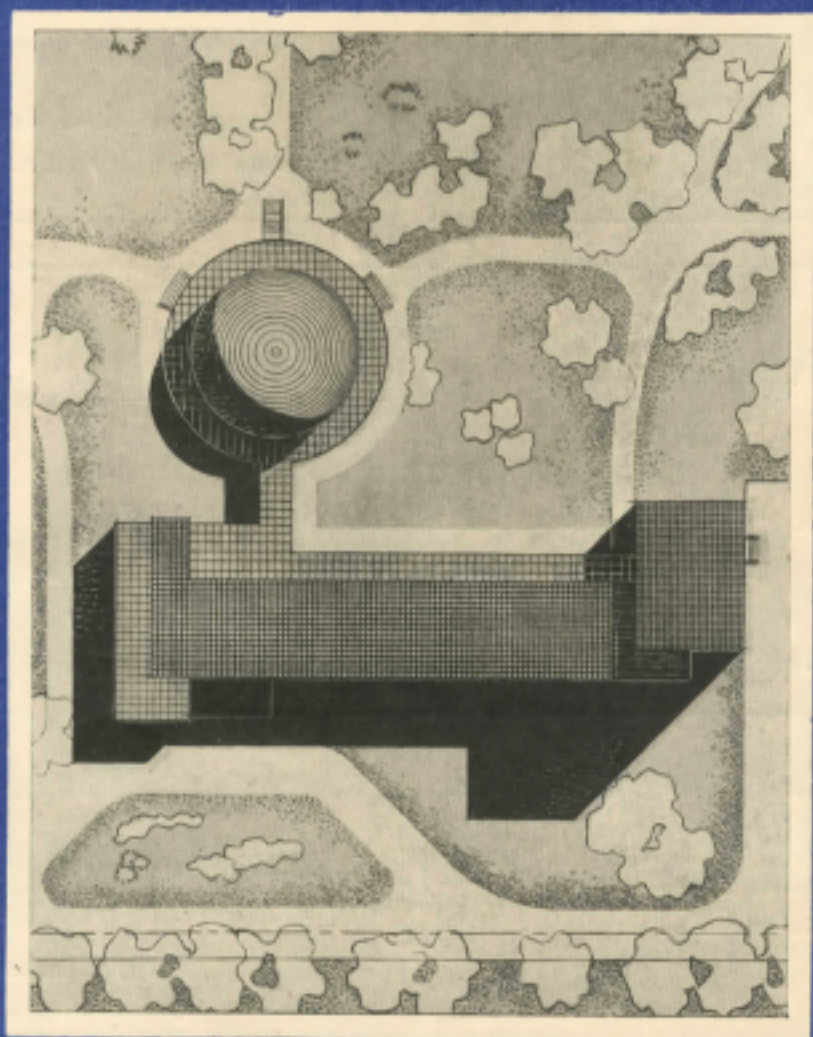


# a arquitectura portuguesa



*cerâmica e edificação reunidas*

# a arquitectura portuguesa

## E CERÂMICA E EDIFICAÇÃO (REUNIDAS)

REVISTA MENSAL / TÉCNICA E ARTÍSTICA

ANO XLIII

NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1950

N.º 163-3.ª SÉRIE

DIRECTOR-JÚLIO MARTINS / EDITOR-JOSÉ MARIA CORREIA VICTORINO / CHEFE DE REDACÇÃO-ALICE ISABEL CORREIA DE SÁ

### SUMÁRIO

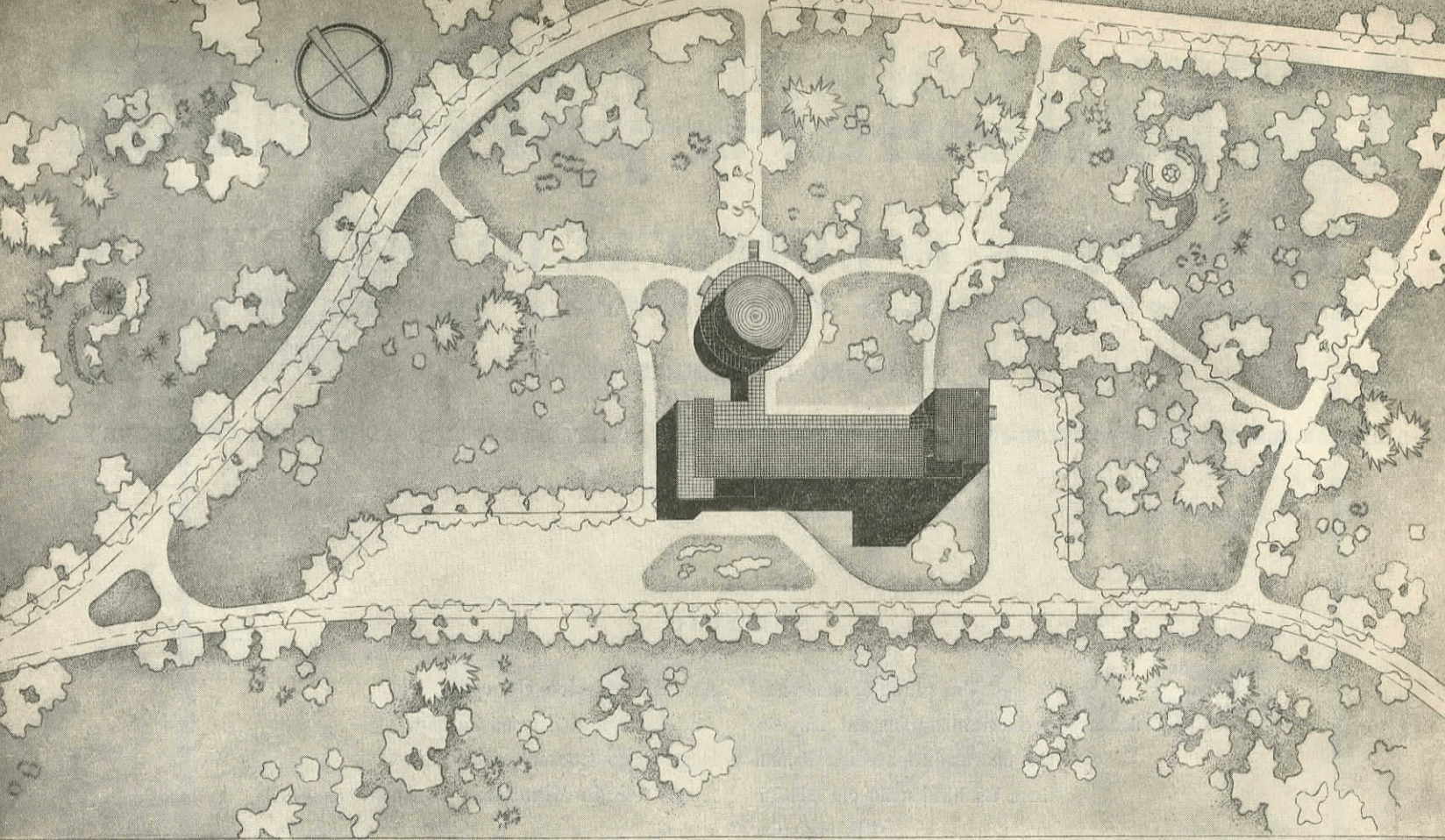
Um planetário museu	Arq. <sup>to</sup> Frederico George
Uma estação de serviço e oficinas para automóveis	Arq. <sup>to</sup> Manuel Soares Zilhão
Casa de rendimento em Roma	Eng. <sup>o</sup> Ugo Luccibenti
Casa de habitação em Milão	Arq. <sup>to</sup> Giulio Minoletti
Bibliografia	* * *

*NA CAPA: Planetário Museu — Arq. Frederico George*

Visado pela Comissão de Censura

*Número avulso: Esc. 5\$00. Assinaturas: Continente e ilhas, semestre Esc. 30\$00, ano Esc. 55\$00. Colónias: ano Esc. 60\$0. Estrangeiro: ano 80\$00 (pagamento adiantado) / Propriedade da Soc. Editora «Frases», Lda. / Redacção e administração: R. do Arco do Cego, 88-C. / Lisboa-Portugal / Tel. 72147*

Acabado de imprimir em Março de 1951 na Sociedade Industrial de Tipografia, Limitada / Rua Almirante Pessanha, 3 e 5 (no Carmo) / Lisboa



*Plano geral*

## Um planetário museu

**Arq.<sup>to</sup> Frederico George**

**O** estudo que nos propusemos fazer, obedeceu a directrizes puramente ideais de localização e programa, concebido contudo dentro dum critério de possibilidades construtivas.

O tema escolhido — PLANETÁRIO MUSEU — é o resultado dos anseios e dúvidas do próprio autor, da sua admiração incontida pelos homens que tentam penetrar naquilo que é desconhecido para a grande maioria.

O que melhor poderá situar o homem e dar-lhe a noção da grandeza do seu domínio, que relacioná-lo com os problemas universais? Fazer aperceber o homem do valor relativo das coisas terrenas, da evolução dos conceitos considerados

fundamentais, daquilo que parece imutável em certa data e que em dado instante se transforma completamente.

Contribuir para uma melhor formação humanística do homem é o esquema do nosso pensamento constante traduzido em arquitectura.

Se se pudesse estar relativamente bem informado das conquistas da ciência, das suas leis e fenómenos, se tudo isso merecesse uma maior atenção geral, somos em crer que o desejo de progresso do nível cultural muito aumentaria.

Podemos dizer serem relativamente abundantes as instituições de cultura física de certo modo intelectuais; possuímos alguns bons museus, mas

falta-nos, porém, um Museu Popular de Astro-nomia, onde nós pudéssemos experimentar cami-nhos novos e infinitos horizontes inéditos para o nosso espírito.

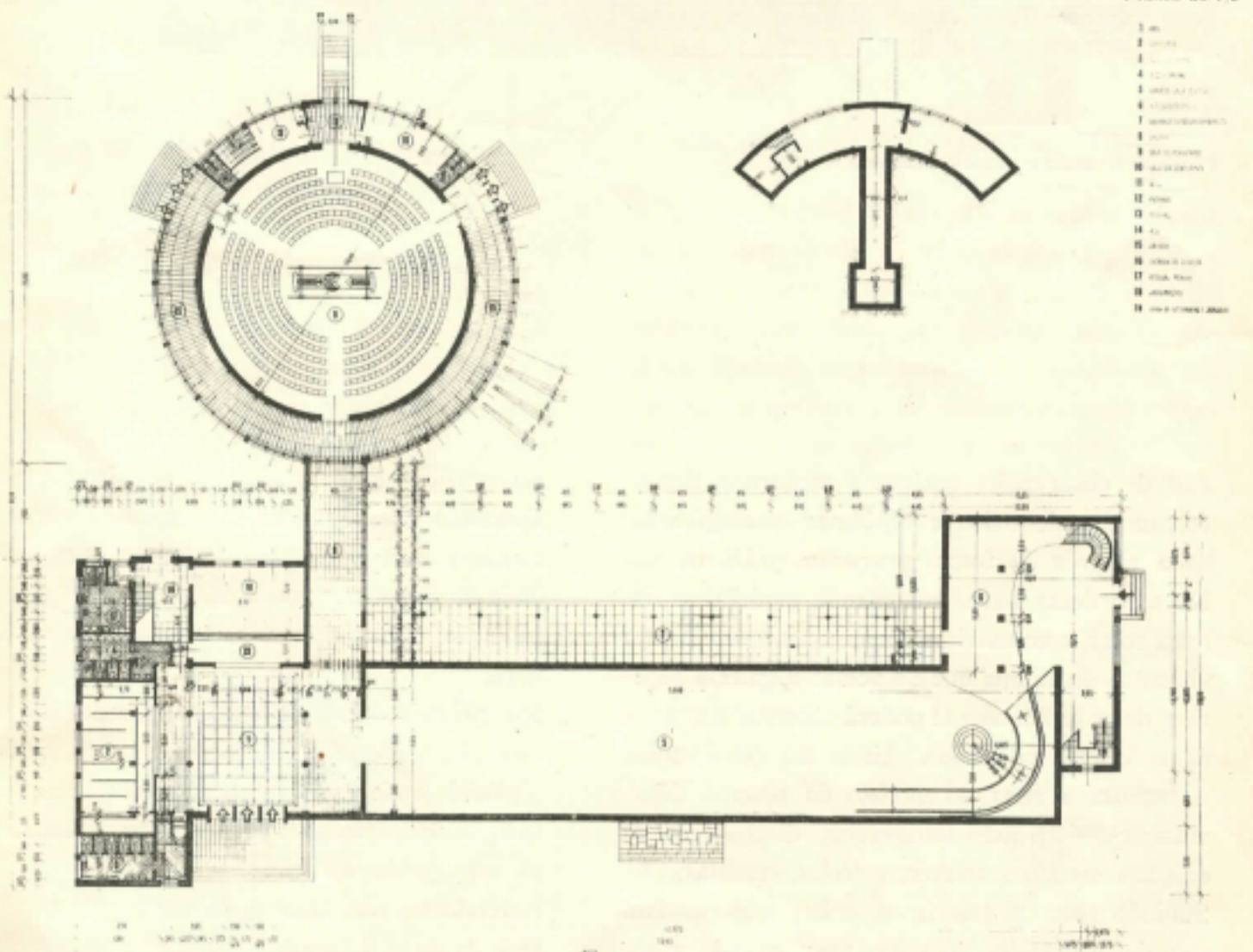
## SITUAÇÃO

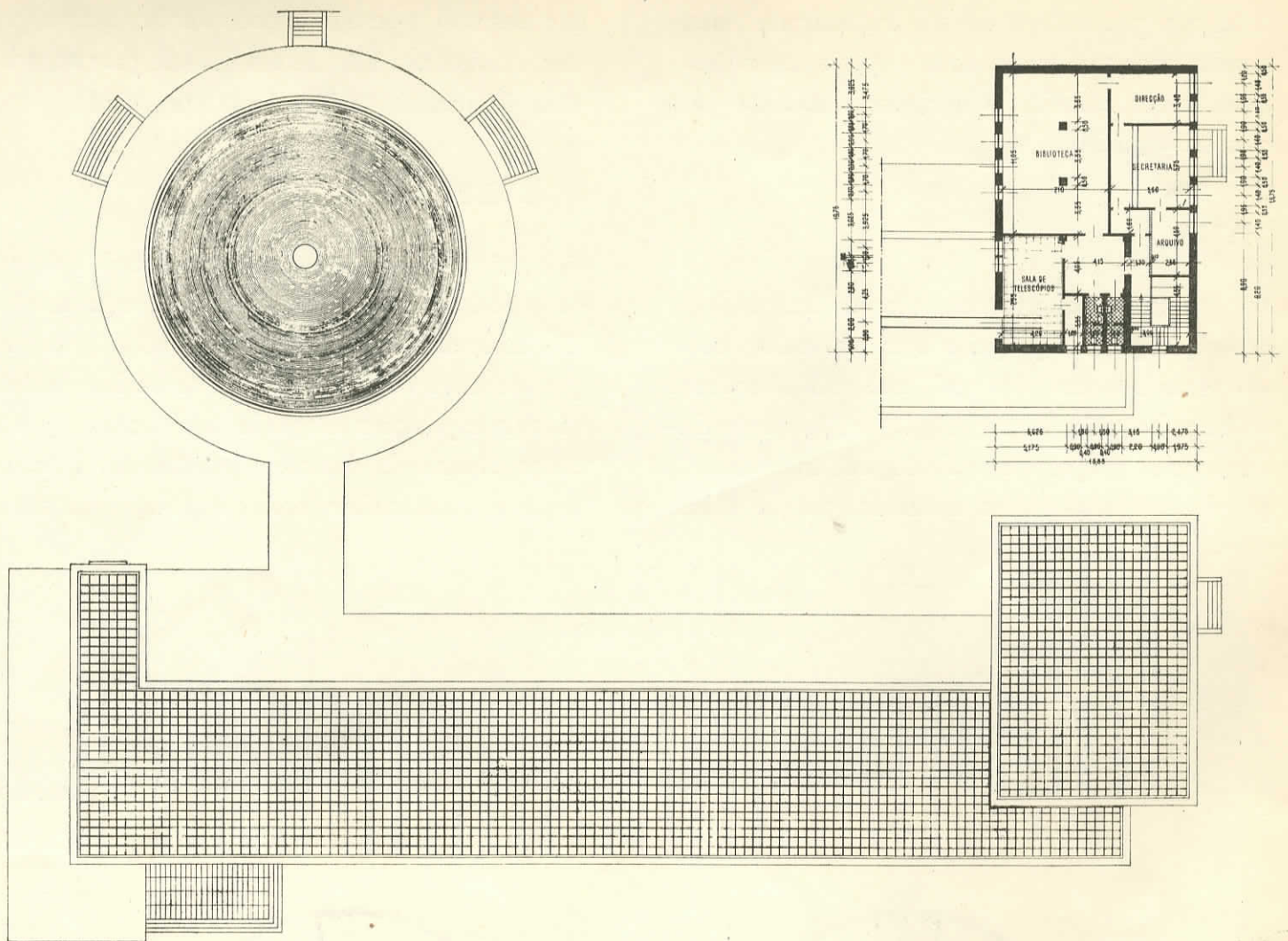
Um museu desta natureza vive na sua essência e com exigências próprias bem marcadas; deve-ria estar situado num ambiente calmo, rodeado de belos relvados e arvoredo, concedendo ao visi-tante uma preparação psicológica, um contacto prévio e directo com a natureza, porque é dele

que nos vem o desejo de penetrar nos seus segre-dos. Assim, um alto de um grande parque, como o de Monsanto, seria o local apropriado.

## PLANETÁRIO-MUSEU

Segundo o projecto apresentado, seria este edi-fício constituído por dois volumes arquitecturais distintos, ainda que interrelacionados. Um, uma grande nave de Museu, onde se fariam instala-ções de exposições temporárias, relacionadas com os problemas da dinâmica celeste, de espectros-copia e da astrofotografia; exposição de apare-





*Planta do 1.º andar e planta de cobertura*

lhos de observação, antigos e modernos, desenvolvimento científico e hipóteses cosmogónicas, dada através de fotos, gravuras, gráficos, etc. No topo dessa nave, um grande modelo de sistema solar, com movimentação, seria gozado pelo visitante, da rampa que dá acesso à galeria superior, de onde também se poderá observar o grande mapa celeste cilíndrico. Ainda no rés-do-chão, transposta a zona do modelo do sistema solar, mostrar-se-iam astrofotografias, dispositivos de eclipses, manchas solares, estrelas, cometas, etc. Subindo para a galeria superior, expôr-se-iam nas duas grandes paredes, uma grande carta

fotográfica da Lua e fotos do sistema solar. Descendo dessa galeria e desejando entrar em contacto com o exterior, teremos uma galeria onde se exporiam aerolitos, peças que pela sua condição estariam bem em contacto com o ar livre.

No primeiro andar: uma pequena biblioteca, direcção, secretaria e arquivo, e a sala de telescópios de onde partiriam linhas adequadas à deslocação de telescópios para a observação directa no terraço do edifício.

Entendemos não fazer qualquer abertura na parede da nave do museu, porquanto considerámos

ser a iluminação artificial a mais indicada para a valorização das peças a expor, actuando da maneira mais adequada de iluminar cada caso de per si.

Estudou-se, portanto, um sistema de condicionamento de ar, criando antecipadamente um espaço visitável para as condutas e instalações eléctricas. Considerámos indispensável libertar tanto quanto possível a planta da nave do Museu, de modo a favorecer qualquer arranjo de exposição temporária.

O acesso de serviço far-se-á pela parte posterior do Museu, ficando a zona de serviço independente.

As condições térmicas e isoladoras do edifício estão asseguradas pelo método construtivo adoptado.

### CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS

Adoptou-se uma estrutura de betão armado constituída por um sistema de pórticos de 12 metros de vão, aproximadamente.

Utilizámos também a alvenaria coberta com lage de betão armado, onde não se justificava economicamente o emprego da estrutura.

### SALA CIRCULAR DO PLANETÁRIO

É uma sala de planta circular de 20 metros de diâmetro, coberta com uma cúpula e onde no seu intradorso é projectada uma complexa máquina de projecção, do centro da sala, os mais variados

fenómenos celestes: as estrelas que se podem observar a olho nu, o Sol, a Lua e planetas nos seus próprios lugares e devidamente interrelacionados para qualquer instante de qualquer século e em qualquer sítio da terra.

O controle dessa projecção é feito por um operador conferencista, cuja mesa está colocada fronteira à entrada da sala. Dispõe de uma lanterna de mão que projecta uma seta luminosa na cúpula para indicar qualquer imagem que lhe interesse pôr em evidência.

A sala comporta 423 pessoas.

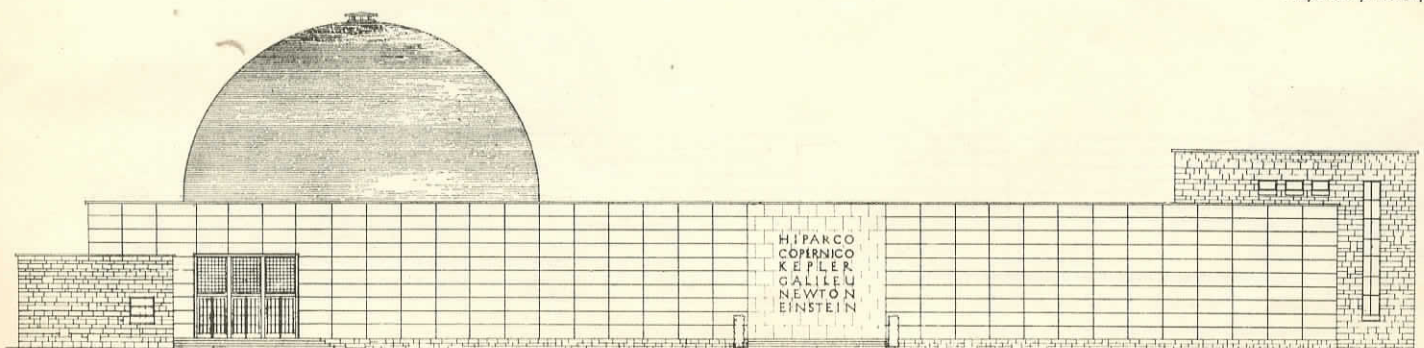
Previu-se, necessariamente, um sistema de condicionamento de ar independente.

Sob o ponto de vista acústico as paredes do cilindro são forradas de aglomerado de cortiça e a abóbada interior de chapa de aço inoxidável, perfurada com pequenos orifícios permitindo que a onda sonora se escape sem ser reflectida para a assistência.

A cúpula é pintada de branco a fim de receber a projecção em boas condições.

### CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS

A sala é coberta por uma cúpula «casca de ovo» de 10 centímetros de espessura e forrada no extradorso com mosaico cerâmico. A abóbada interior é constituída por uma estrutura de madeira forrada interiormente em chapa de aço inoxidável perfurada. O extradorso desta cúpula será isolado com aglomerado de cortiça.



*Alçado principal*



*Vista exterior*

## Uma estação de serviço e oficinas para automóveis

**Arq.<sup>to</sup> Manuel Soares Zilhão**

**A** instalação, prevista, destina-se a uma oficina de dimensões médias com a possibilidade de reparar 20 a 30 carros por dia, nela trabalhando cerca de 70 operários. Foi construída em terreno que pela sua configuração prejudicou um pouco a distribuição dos diferentes serviços: importa todavia verificar que o aproveitamento do local se fez nas melhores condições possíveis como poderá observar-se na planta da situação.

O principal inconveniente a que obrigou o estudo da planta neste terreno, foi a entrada a meio da oficina de grande reparação quando teria sido melhor num dos topos.

Pela falta de espaços livres em redor estamos longe das «Usines-Vertes» de Le Corbusier que somente são possíveis com a descentralização industrial acarretando consigo problemas de distâncias que no caso presente não podiam deixar de ser consideradas com o maior cuidado.

Sob o ponto de vista de expressão plástica, a forma como o edifício se avoluma, os contrastes que resultam das dimensões, sombras e diferenças de material mas sobretudo o carácter que deriva da sua função, função que juntamente com a forma do terreno ditou o desenvolvimento em planta e conseqüentemente o desenho das fachadas, conferem ao conjunto aquilo que jul-

gamos ser uma interpretação correcta de um edificio industrial com unidade e harmonia. A torre, acidente vertical de que o edificio foi previsto (inteiramente justificável quer sob o ponto de vista estético quer sob o ponto de vista funcional, pois serve para depósito de águas, resolve os acessos verticais, facilita a visita às coberturas e tem em cima um miradouro) movimenta a fachada e constitui uma advertência que é sem dúvida nenhuma um centro de interesse. O programa previa zonas de serviço distintas cuja distribuição se poderá observar em planta e que passamos a descrever resumidamente.

### ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Foi localizada junto do acesso principal e á direita de quem entra sendo servida por uma practica de trânsito: possui três elevadores, dois para lubrificação e um para lavagem, e a competente aparelhagem fixa (compressores de água e ar).

### GRANDE REPARAÇÃO

Nesta oficina, que ocupa o grande vão do edificio, foram previstos um local para instalação de



O alçado principal

máquinas, convenientemente vedado, possuindo via aérea para deslocação de motoras e em comunicação com a oficina de soldagem e forja, e três fossas. A grande reparação ficou servida pelos seguintes serviços, conforme exigia o programa:

*Reparações eléctricas que também serve a estação de serviço.*

*Armazém de peças e acessórios.*

*Escritórios.*

*Oficina de pintura e bate-chapas.*

*Lavagem de motores.*

*Carga de baterias.*

A estação de serviço comunica também com a grande reparação por intermédio de uma ampla porta, o que permitirá o movimento num sentido ou noutro conforme as necessidades.

### ESCRITÓRIOS

Localizaram-se no 2.º piso assim como o gabinete do gerente, precedido de uma sala de espera. Neste piso está também um depósito de peças e acessórios que serve a dependência que se destina ao mesmo fim no piso térreo por meio de uma escada em caracol e um monta cargas.

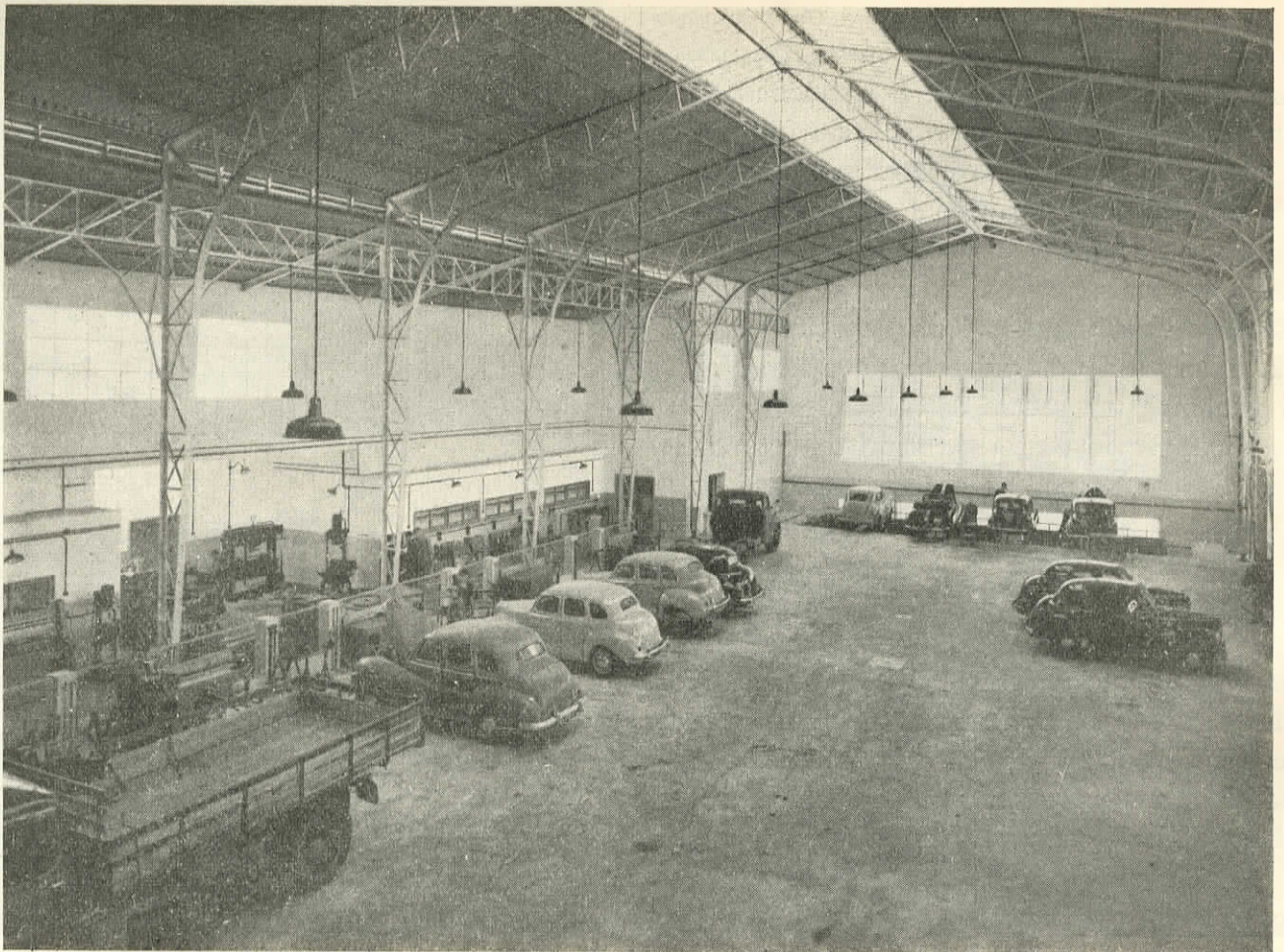
### DEPÓSITO DE CARROS

Este depósito destina-se a armazenamento de carros cuja reparação esteja concluída, aguardando aí que os proprietários os venham buscar: está ligado à oficina por meio de passagem em rampa e é servido pela saída para a Rua das Laranjeiras, sob o anexo para o pessoal.

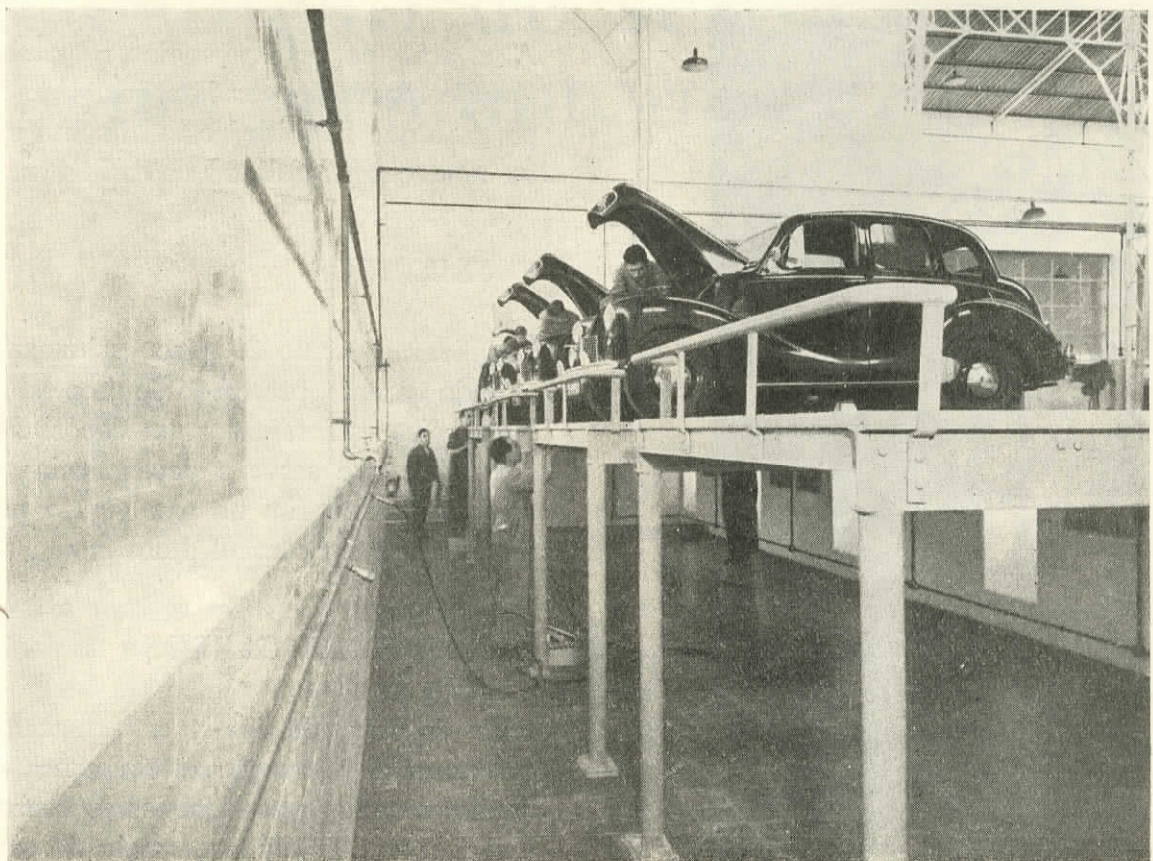


A torre





*Interior da oficina de grande reparação*



*Vista das fossas*

## SERVIÇOS SOCIAIS

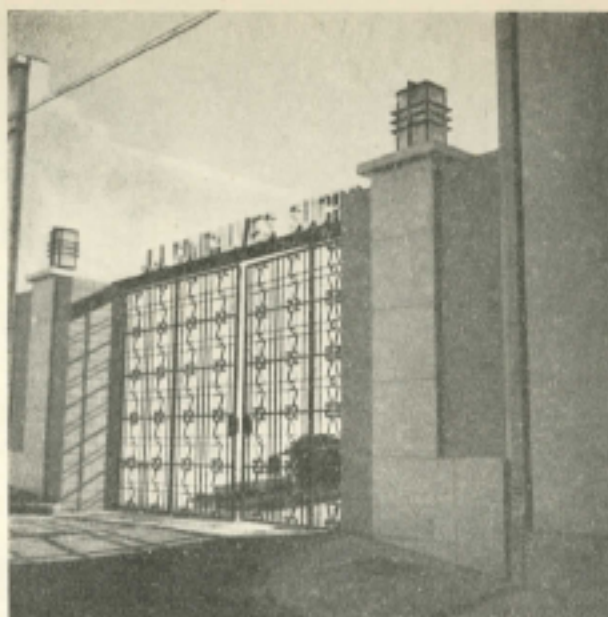
Estas instalações são constituídas por serviços sanitários, refeitórios, cozinha e habitação para o guarda, em edifício próprio.

## POSTO DE SOCORROS

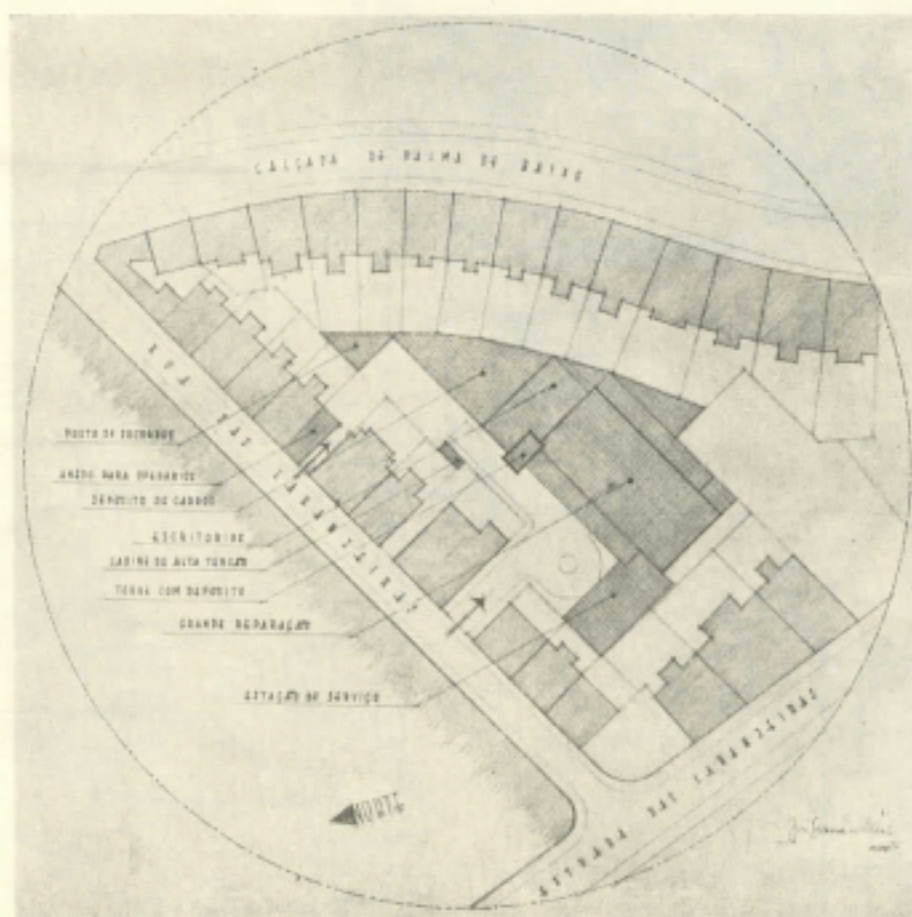
Situou-se junto do depósito de carros, portanto relativamente próximo da oficina, de forma a poder ser utilizado rapidamente em caso de acidente.

## CABINE DE ALTA TENSÃO

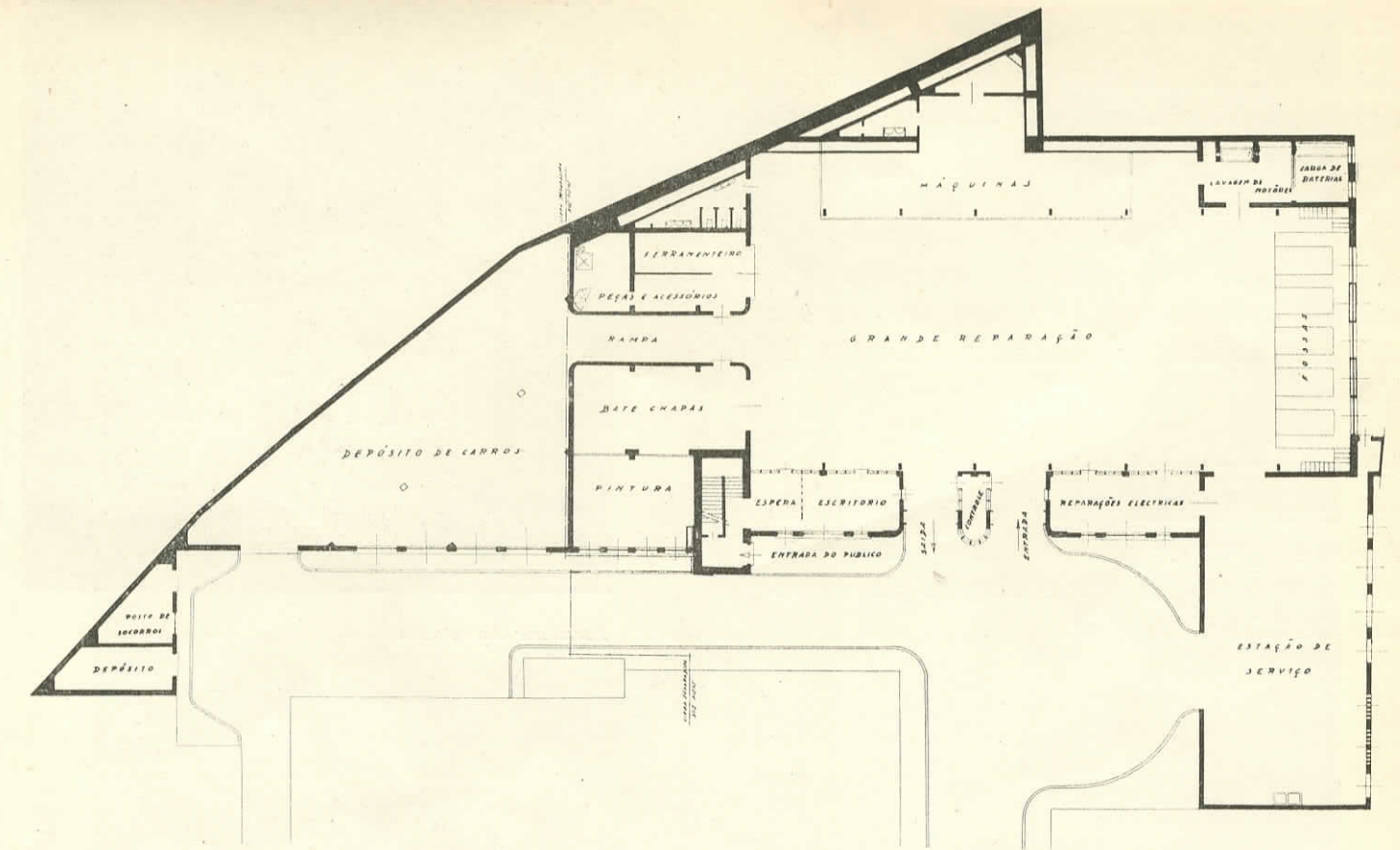
Teve de ser localizada em posição central em referência ao maior desenvolvimento da planta, com o fim de se fazer uma distribuição conveniente de cabo e tubagem.



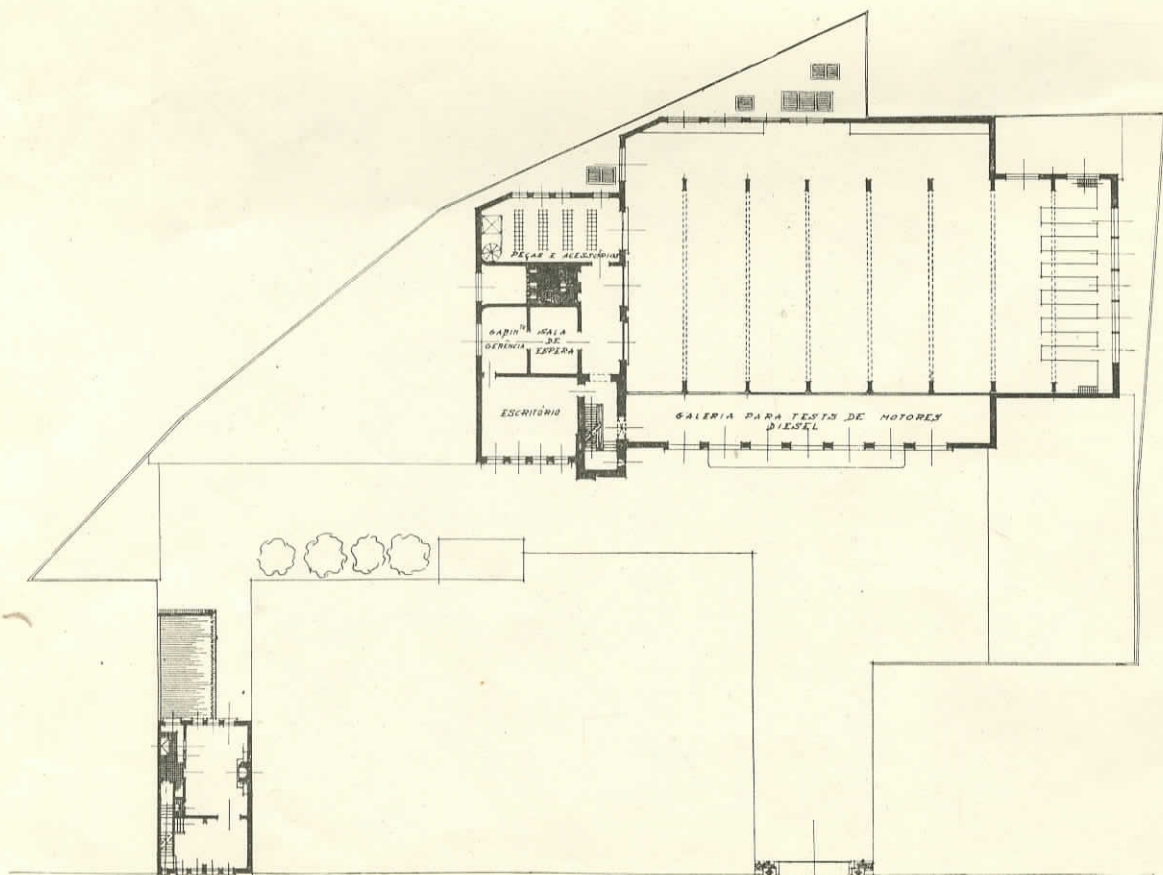
*Porta da entrada*



*Planta de localização*



Planta do 1.º piso

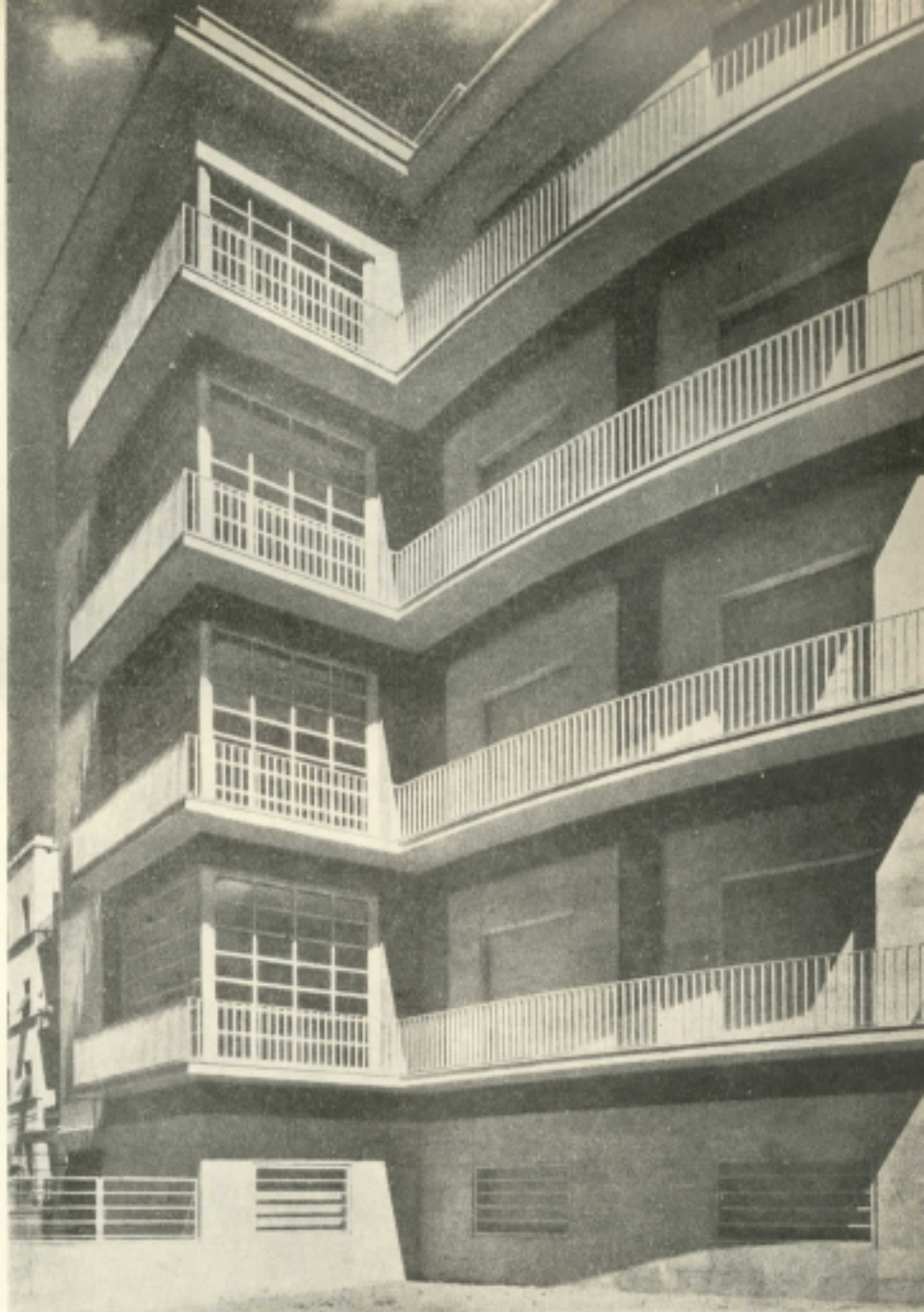


Planta do 2.º piso

# Casa de rendimento em Roma

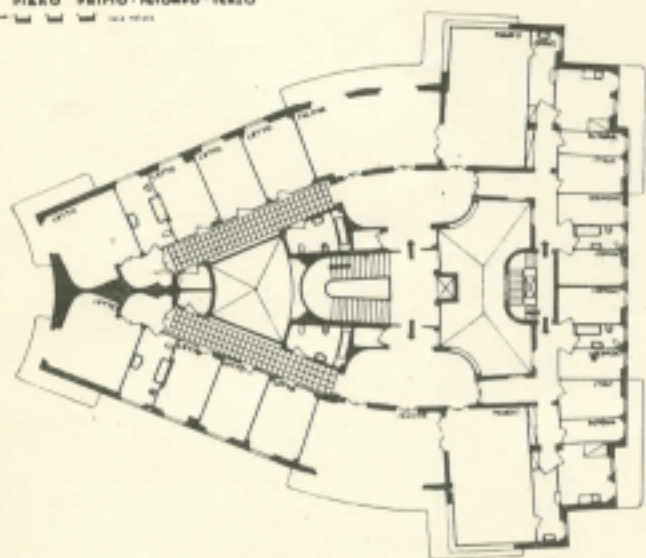
Eng.º Ugo Luccichenti

**P**LANTA de desenvolvimento e aspecto clássico. Revela no entanto nas suas fachadas uma certa limpidez de processos decorativos que gostaríamos de poder apreciar na arquitectura portuguesa deste género.



*Por menor da fachada*

PILAO PRIMO - PIANO TERZO



*Planta do 1.º andar*

PILAO TERZO



*Planta do andar térreo*



**Eng.º**  
**Ugo Luccichenti**

*Casa de rendimento em Roma*



*Aspecto duma fachada*



**Arq.º Giulio Minoletti**

*Casa de habitação em Milão*

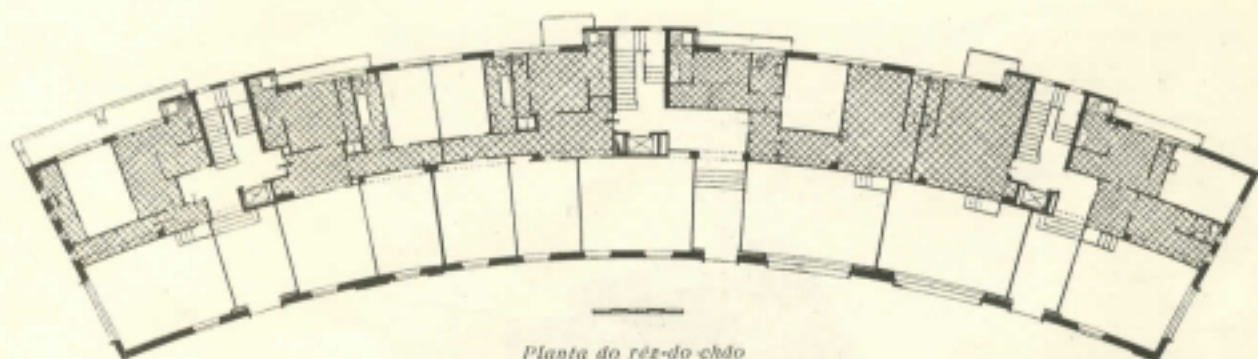


## Casa de habitação em Milão

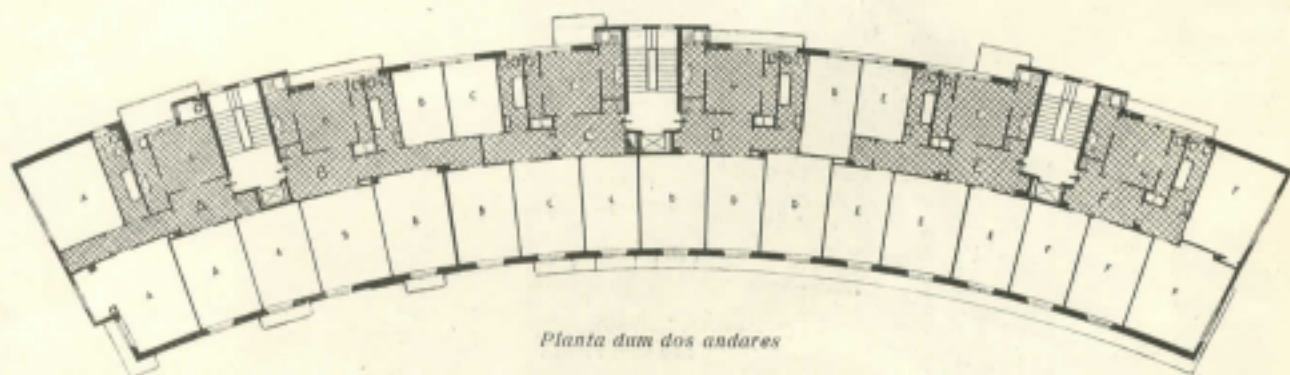
Arq.<sup>to</sup> Giulio Minoletti

**A**PRESENTA-NOS Giulio Minoletti um bloco de apartamentos de forma curva de simples resolução de planta, nalguns pontos condenável aqui em Portugal. Note-se a colocação e dimensão da casa de banho de serviço, em contacto com a sala de jantar. O arquitecto prescindiu do fácil ornamento postizo nas fachadas e adoptou para melhor decoração architectónica uma sábia distribuição de vãos e um jogo de volumes, do qual tirou um belo partido na grande massa de construção.

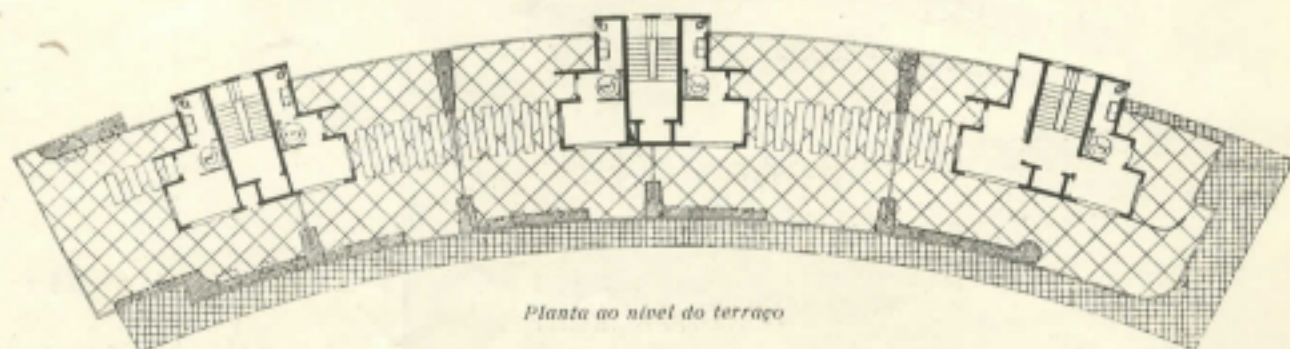
*Fachada posterior*



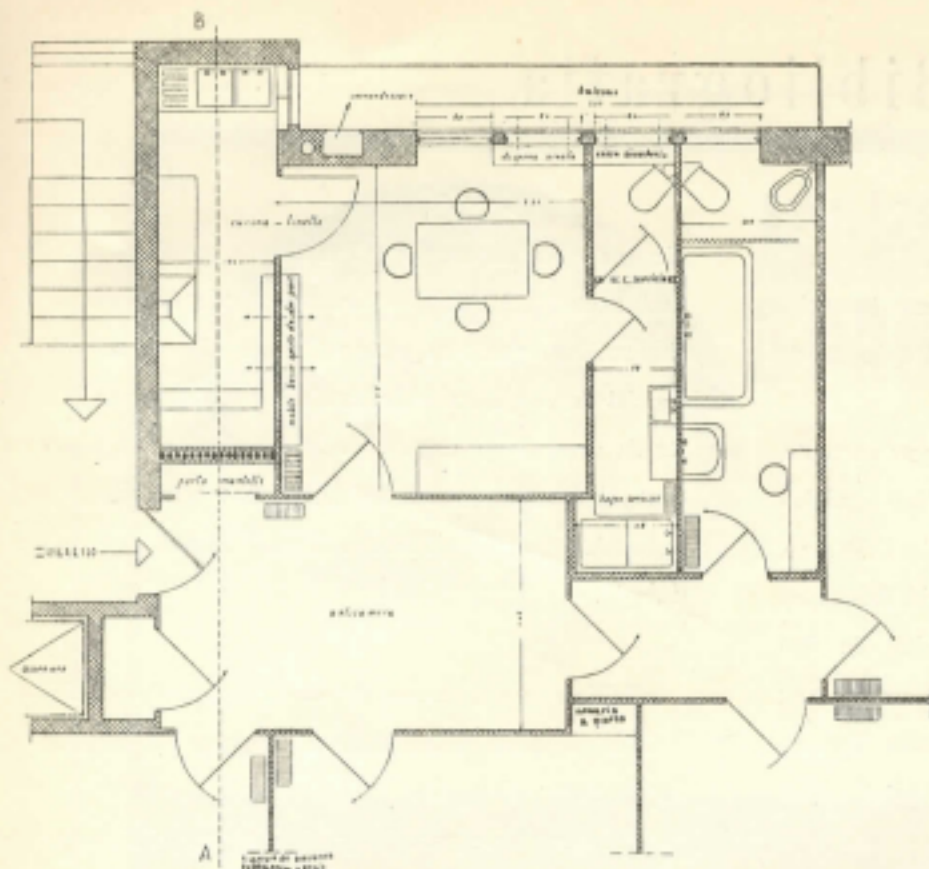
*Planta do rés-do-chão*



*Planta dum dos andares*



*Planta ao nível do terraço*



Arq.<sup>to</sup> Giulio Minoletti  
Casa de habitação em Milão



# Bibliografia

«*Proa*» — Bogotá — Colômbia.

Com toda a regularidade, temos recebido esta bem elaborada revista mensal, que se publica na República da Colômbia.

Do sumário do n.º 39, de Setembro do ano corrente, destacamos os seguintes artigos: «Hospital San Ignacio» (estudo do conjunto), dos arquitectos Cuellar, Serrano, Gomes & C.<sup>a</sup>; «Clinica de Maternidad «David Restrepo» — Bogotá, dos mesmos arquitectos; «Hospital de San Juan de Rios» — Bogotá, ainda dos mesmos arquitectos; «Vivienda com Departamento», do arquitecto Ernesto Willians U., com um estudo crítico de Fernando Castillo.

«*Revista de Arquitectura*» — Buenos Aires. — Órgão da Sociedade Central de Arquitectos y de Centro Estudiantes de Arquitectura (Faculdade de Arquitectura y Urbanismo).

Esta revista argentina apresenta no seu n.º 7, de Julho de 1950, entre outros, os seguintes artigos: «Gran casa de Departamentos em Mar del Plata», pelos arquitectos Hillario L. Lorenzutti e Américo M. Cervini; «Departamentos em Propriedad Horizontal», pelos mesmos arquitectos; «El Plano Regulador de San Juan» — (Legislação em que se apoia), pelo arquitecto José M. F. Pastor; «Trabajos de cuatro jóvenes escenógrafos» (Nidia Dimitriadis, Maria Nieves Pugliese, Marusca Varela e Norberto Barris).

Boa apresentação gráfica.

«*Cadernos de Arquitectura*» — Publicação do Colégio O. de Arquitectos de Cataluña y Baleares — Barcelona. N.ºs 11-12, relativos aos 1.º e 2.º trimestre de 1950.

Com uma boa apresentação gráfica e de conteúdo variado, recebemos esta publicação espanhola. Do seu sumário destacamos os artigos: «O Plano Nacional. — Fontes das directrizes urbanísticas — Estudo aplicado à Bélgica»; «Bruxelas e a região da capital — Sua evolução creadora»; dois interessantes trabalhos do arquitecto Alfred Ledent; «Da Arquitectura ao Urbanismo e do Urba-

nismo ao Planeamento»; «O momento actual na arquitectura norte-americana», — transcrição de duas conferências realizadas pelo arquitecto Gabriel Alomar no Colégio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares; «As fontes da nova Arquitectura»; «Orientações da Arquitectura contemporânea», — texto de duas outras conferências pronunciadas pelo arquitecto Alberto Sartois no mesmo Colégio.

«*Edilizia Moderna*». — N.º 45 — Dezembro de 1950.

O n.º 45 desta revista italiana, ocupa-se inteiramente da arquitectura estrangeira.

O seu excelente arranjo gráfico, a profusão de gravuras insertas, tanto como o interesse dos seus numerosos artigos, valorizam notavelmente este número.

Francesco M. Dominè, Armando d'Ans, Victor Bourgeois, Kay Fisker, Heikki Siren, Pierre Jeanneret, Trude Cornelius, Tsugio Tsushima, Donald E. E. Gibson, Hannes Meyer, Gudolf Blakstad, Diego de Reina, Bengt Gate, assinam artigos de muito interesse sobre o trabalho italiano no estrangeiro e o que tem sido o movimento de construção na Argentina, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Japão, Inglaterra, México, Noruega, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Suécia e Suíça.

## OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«*Arquitectura*», n.º 36.

«*The Journal of the Royal Institute of British Architects*», n.º 12 — Outubro, 1950.

«*Habitation*», n.º 11 — 1950.

«*Gazeta das Aldeias*».

«*Gazeta dos Caminhos de Ferro*».

«*Bygg Litteratur*», n.º 9 — 1950.

«*Revista do Sindicato dos Construtores Civis*».

«*Revista da Ordem dos Engenheiros*».

«*Indústria Portuguesa*».